

As runas de Cristo – aspectos da conversão da Escandinávia Medieval na Idade Média Tardia

Álvaro Alfredo Bragança Júnior¹

DOI: 10.4025/rbhranpuh.v8i23.29523

Resumo: o conhecimento da Escandinávia medieval deve-se sobremaneira aos seus *monumenta* e aos registros escritos, dentre eles as fontes rúnicas. As tradições desses povos, com suas práticas de religiosidade alicerçadas no panteão pagão germânico, eram expressas preferencialmente através do alfabeto rúnico. Contudo, encontram-se textos datados da Idade Média Tardia, nos quais ocorre a transliteração do alfabeto latino em runas, segundo MacLeod & Meeds (2006). Interessa-nos investigar em que medida a apropriação daquelas pelos grafemas latinos objetivando a divulgação da mensagem do cristianismo demonstra um espaço de intermediação de dois planos do sagrado, em que o suporte linguístico das crenças pagãs é utilizado para veicular as novas cristãs (BRAGANÇA JÚNIOR, 2014). Como interface comparativa com os exemplos escandinavos mostrar-se-ão alguns elementos presentes na *Englaland* anglo-saxônica em uma fórmula de encantamento em antigo-inglês, anterior ao período escandinavo, e que nos leva a conjecturar sobre a procedência e o processo de evangelização dos nórdicos.

Palavras-Chave: runas – transliteração – cristianização – práticas de religiosidade

The runes of Christ – aspects of the conversion of Medieval Scandinavia in the Late Middle Ages

Abstract: The knowledge of Medieval Scandinavia is primarily due to its *monumenta* and written records, among them runic sources. The traditions of these people – with their view on religiosity based on the Germanic pagan pantheon – expressed themselves mainly through the runic alphabet. However, we find texts from the Late Middle Ages where the transliteration of the Latin alphabet into runes occurs, according to MacLeod & Meeds (2006). It is interesting to investigate in what sense the appropriation of the runes by Latin graphemes, with the aim of spreading the message of Christianity, demonstrates an intermediate space between two spheres of sacredness, and in what way the linguistic support of the pagan beliefs is used to conduct the new Christian ideas (BRAGANÇA JÚNIOR, 2014). As a comparative interface to the Scandinavian examples, we will examine some elements present in a formula of enchantment written in

¹ Álvaro Alfredo Bragança Júnior é Professor Associado em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ. É doutor em Letras Clássicas com estágio pós-doutoral em História Medieval na Ruhr-Universität Bochum, Alemanha, membro do NIELIM. E-mail: alvabrag@letras.ufrj.br

Old English – from the Anglo-Saxon *Englaland* – that is prior to the Scandinavian period and makes us conjecture about the genesis of the evangelization of the Nordic and its process.

Keywords: runes – transliteration – christianization – practices of religiosity

Las runas de Cristo – aspectos da la conversión de la Escandinavia medieval em la Baja Edad Media

Resumen: El conocimiento de Escandinavia medieval se debe en gran medida a su *monumenta* y registros escritos, incluyendo las fuentes rúnicas. Las tradiciones de esta gente, con sus prácticas de religiosidad arraigadas en el panteón pagano germánico, se expresaron preferentemente a través del alfabeto rúnico. Sin embargo, hay textos que datan de la Baja Edad Media, en los cuales hay una transliteración del alfabeto latino en runas, según MacLeod y Meeds (2006). Interésanos investigar el grado en que la apropiación daquellas por los grafemas latinos destinadas a difundir el mensaje del cristianismo muestra un espacio intermediario de dos planos del sagrado, en los que se utiliza el apoyo lingüístico de las creencias paganas para transmitir el nuevo cristiano (BRAGANÇA JR, 2014). Como interfaz comparativo con los ejemplos escandinavos se mostraron algunos elementos presentes en el mundo anglosajón de la **Englaland** en una fórmula de encantamiento en inglés-antiguo, antes del período escandinavo, y eso nos lleva a conjeturar sobre el origen y el proceso de evangelización de los nórdicos.

Palabras clave: runas – transliteración – cristianización – prácticas de religiosidad

Recebido em 05/09/2015 - Aprovado em 30/09/2015

I. Preâmbulo

O conhecimento da Escandinávia medieval deve-se sobremaneira aos seus *monumenta* e aos registros escritos, dentre os quais as fontes rúnicas sobressaem. As tradições desses povos, com sua visão de religiosidade alicerçada no panteão pagão germânico, eram expressas preferencialmente através do alfabeto rúnico. Contudo, encontram-se textos que podem ser datados da Idade Média Tardia, nos quais ocorre a transliteração do alfabeto latino em runas, como demonstram Macleod and Mees (2006). Interessa-nos investigar em que medida a apropriação daquelas pelos grafemas latinos com vistas à divulgação da mensagem do cristianismo demonstra um espaço de intermediação de dois planos do sagrado, em que o suporte lingüístico das crenças pagãs é utilizado para veicular as novas cristãs (BRAGANÇA JÚNIOR, 2014) e que nos leva a conjeturar sobre a procedência e o processo de cristianização e conversão dos nórdicos.

II. Introdução

Principalmente a partir do século XIX, as práticas de religiosidade germano-nórdicas associadas à cura de enfermidades e doenças tem sido objeto de inúmeros estudos de ordem linguística, sociológica, antropológica, histórica, dentre outros. Como constituintes desta relação com o sagrado, a representação apotropaica atribuída a

elementos da cultura material assume fundamental importância a esse respeito. Sem nos prendermos às singularidades de tais debates acadêmicos, interessa-nos aqui nestas breves linhas apresentar algumas reflexões sobre inscrições em alfabeto rúnico indexadas em MacLeod & Meess (2006, p. 133), cujas mensagens são totalmente cristãs, transliteradas em runas. Traduzir estas inscrições, procurar entender sua confecção e apresentar uma proposta de interpretação das mesmas serão a finalidade deste sucinto artigo.

III. Alguns exemplos do latim nas fontes rúnicas – por uma outra língua do sagrado nórdico

Não entrando em detalhes mais profundos acerca do processo de cristianização do espaço germanófono escandinavo², mostraremos os casos por nós selecionados para esta análise a partir de critérios espaciais, ou seja, a distribuição das inscrições entre Dinamarca, Noruega, Suécia e Islândia. As mais antigas, listadas por MacLeod & Mees (2006), provêm da metade do século XIII, tendo sido encontradas em Bergen, Noruega, e em Alvastra, Suécia e por elas começaremos.

Um amuleto de madeira oriundo da cidade de Bergen³ e datado por volta de 1250 traz sob a forma de um barco a remo os Sete Dorminhocos de Éfeso, uma referência aos mártires de Éfeso, do século terceiro, os quais, segundo a lenda, foram colocados dentro da parede de uma construção ainda vivos e depois fechados com cimento, mas que foram encontrados dois séculos depois, ainda vivos, porém adormecidos e não mortos:

teo<neSiuS.ioha<neS.Serafiho<n
--KuSmaSifia<neSuS:teniSiuS o
SuSSbiSSuSbiruMæqano<Le

*Dionysius, Johannes, Serapion,
[Mal]chus, Maximianus, Dionysius,
susbissusbirumaþanole.*

Proposta de tradução:

*Dionísio, João, Serapião,
[Mal]co, Maximiano, Dionísio,
sussbissusbirumaþanole.*

Contudo, uma outra ocorrência com a mesma temática dos Sete Dorminhocos encontra-se em um amuleto de Alvastra, Suécia, possivelmente anterior a

² - A bibliografia sobre o assunto é extensa, e fontes primárias sobre o processo de cristianização dos nórdicos também o são. Contudo, nosso objetivo não é proceder a uma análise historiográfica dessas fontes, porém comentar acerca da utilização de runas para a transmissão do sagrado cristão.

³ - Em 1343 (ou na década de 50 do mesmo século) foi estabelecido o primeiro assentamento comercial da Liga Hanseática em Bergen. Cf. MEHLER (2009, p.90), embora comerciantes isolados do norte da 'Alemanha' já comercializassem com a cidade desde o século XIII.

1260, localizado em um sarcófago e que “*relata a história dos dorminhocos e que termina com um piedoso apelo a Trindade*” (MACLEOD & MEES, 2006, p. 156):

inMontECelion:EtinCiui-atæ:aFECio<RuM:ibi:REKuiECKu
nt:CæptEM:CanKti:o<RMiEntEC:Ma<RIKuC:MaxEKi
MianuC:MaRKianuC:ioniCiuC:CErapion:KonCana
RiuC:ihozæannEC:CiK:REKuiECKathiKFaMulao
Mini:NoCCt<RiGECu:KRiCtibæiKtaaMo<RboCiCC
CoKuMo<bætinnnoMinE:patRiCEtFiliEtCpiRituC CanKti:Amin

*In monte Celion et in civitate Ephesiorum ibi requiescunt septem sancti dormientes:
Malchus, Maximianus, Marcianus, Dionysius, Serapion, Constantinus, Johannes.
Sic requiescat hic famula Domini nostri Jesu Christi Benedicta, a morbo si occumbet.
In nomine Patris et Filii et Spiritus sancti, amen.*

Proposta de tradução:

*No Monte Celion e na cidade de Éfeso descansam sete santos dorminhocos: Malco,
Maximiano, Marciano, Dionísio, Serapião, Constantino, João. Assim, possa Benedita,
serva do Nosso Senhor Jesus Cristo, descansar aqui, caso pereça de doença. Em nome do
Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém.*

Nota-se, em um contraste atento, que no primeiro caso são mencionados apenas seis dos Sete Dorminhocos de Éfeso (Dionísio, João, Serapião, Malco, Maximiano), sendo que, em nosso entender a duplicidade do nome Dionísio se dá por erro do copista/gravador. No amuleto sueco, por outro lado, há os nomes de Marciano e de Constantino, não presentes no primeiro. A fórmula de Alvastra, contudo, a partir de um ponto de vista estrutural e antropológico, é rica em detalhes, pois se inicia com uma típica *historiola* (MÜLLER, 2007, p. 270), seguida da nomeação dos santos evocados e do nome da rogante, Benedita, encerrando-se com a invocação da trindade, fórmula típica cristã. Sobre o significado do último verso da primeira inscrição – *sussbissusbirumapanole* – ainda não há um parecer conclusivo.

Uma variada quantidade de personagens do cristianismo aparece em outros encantamentos rúnicos. Dois deles mencionam a fuga de três homens perseguidos por Nabucodonosor, sendo o primeiro oriundo de Bergen, sendo datado aproximadamente em 1335 e objetivando a cura de uma oftalmia:⁴

f uiquahuM:to<biasS:Sa<nnat:oKuluS:iStaSoMinniS Fa-iFauiFaoi i
Sidra<K:MiSSa<K:æ<qoG:benaGoG MYL o<GuM:eoMos uiqblo<q

*f Við augum. Tobias sanat oculus istius hominis fa[i] i fau i fao i i. Sidrak, Misak et
auk Abdenago. myl (?) augum (?) eomeos (?) Við blóð.*

⁴ - Oftalmia é um termo médico que define qualquer inflamação do globo ocular acompanhada de vermelhidão da conjuntiva, de calor anormal e dor mais ou menos intensa.



O bastão de Bergen (*apud* MACLEOD & MEEDS, 2006, p. 158)

Proposta de tradução:

*Para os olhos. Tobias cura os olhos desta pessoa. fa[i]faufao. Shadrach, Mesbach e também
Abednego (?). Cure (?) os olhos (?) ameos (?). Para o sangue.*

Já o segundo encantamento, também encontrado em Bergen e datado por volta de 1400, refere-se a Jesus ao curar os cegos:

;odomineieSucr--t-kuia<PeruitoculoScecinatiSalua oculoS iStiuShom---
umtuamiSericordia;meSiaS Sot<er
emanuelSa<baotado<nai;fo<nSe<to<rigo<bo<niSPa<raclituSacmedia<to<r
inmenSuSPater-nmenSuSfiliiSinmenSuS
SPirituSSan[tuS;

*O Domine Jesu Chr[is]t[e], qui apervit oculos caeci nati, salva oculos, istius hom[inis c]um
tua misericordia!*

*Messias, Soter, Emanuel, Sabaoth, Adonai. Fons et origo bonis, paraclitus ac mediator.
Immensus Pater, [i]mmensus Filius, immensus Spiritus sanctus.*

Proposta de tradução:

*Ó Senhor, Jesus Cristo, que abriu os olhos dos nascidos cegos, cure os olhos daquele homem com sua
misericórdia!*

*Messias, Soter, Emmanuel, Sebaoth, Adonai. Fonte e origem de bondade, confortador
e mediador.*

Ó Pai incomensurável, ó Filho incomensurável, ó Espírito santo incomensurável.

Uma outra variante mais longa do milagre está presente em uma inscrição de meados do século XIV, encontrada na Dinamarca:

*Qui apervit oculos ceci nati per sanctam misericordiam suam, oculos istius famuli Dei N.
illuminare dignetur, amen! Increatus Pater, increatus Filius, increatus Spiritus sanctus. In
mens Pater, in mens Filius, in mens Spiritus sanctus. Eternus Pater, eternus Filius,
eternus Spiritus sanctus.*

Proposta de tradução:

*Aquele que abriu os olhos dos nascidos cegos através de sua santa misericórdia, que se possa
dignar a iluminar os olhos deste servo de Deus {nome}, amém! Ó Pai, não criado, ó Filho*

*não criado, ó Espírito Santo não criado. Imenso Pai, imenso Filho, imenso Espírito Santo.
Eterno Pai, eterno Filho, eterno Espírito Santo.*

Os milagres de Cristo continuam a ser encontrados em Bergen, em meados do século XIV e em alfabeto rúnico, com dois deles merecendo destaque, pois se relacionam com parturientes, exemplificadas nas figuras de Maria e Isabel:

maria...*e*erit...criStum...eliSabet *e*erit...iohan<nem...ba*tiStam.....in...illarum
u<eneracione...SiS...abSoluta.....æcSi...inkalue...dominuSte...uacat...ad...lu

*Maria peperit Christum, Elisabeth peperit Johannem Baptistam. In illarum veneratione sis
absoluta. Exi, incalve! Dominus te vocat ad lu(cem)/ lu(men).*

Proposta de tradução:

*Maria concebeu a Jesus, Isabel concebeu a João Batista. Que tu possas ser perdoada na
veneração delas. Fora, cabeluda! O Senhor te chama à luz;*

O outro encantamento para parto é posterior, tendo sido datado do século XVI e oriundo da Islândia:

*Mulier ista N de partu liberetur. Elizabeth peperit Johannem Baptistam et beata Maria
peperit Deum exi calve, exi calve, ad lucem Dominus te vocat in nomine Domini nostri
Jhesu Christi amen. Maria peperit Christum Elizabeth peperit Johannem Baptistam. In
illa veneratione sis absoluta sancta Maria quae portasti Christum, sancta Elizabeth quae
portasti Johannem Baptistam succurrite famule vestre N que capilli capitis eius omnes
tremescentes camille exi foras, lux te expectat Anna peperit Mariam, Maria peperit
salvatorem Jhesum Christum. Ventrem huius mulieris aperi N exi tenebris et transe ad
lucem salvator te vocat, amen.*

Proposta de tradução:

*Que esta mulher {nome} esteja livre do parto. Isabel concebeu João Batista e a bem
aventurada Maria concebeu a Deus, saia, ó calvo, saia, ó calvo: o Senhor te chama à luz em
nome do Nosso Senhor Jesus Cristo, amém. Maria concebeu a Cristo. Isabel concebeu a
João Batista. Naquela veneração sejas perdoada santa Maria, tu que carregaste Cristo,
santa Isabel, tu que carregaste João Batista, socorrei a vossa serva {nome}, saia para fora
do cabelo de sua cabeça, ó donzelas todas a tremer, a luz te recebe. Ana que concebeu a
Maria, Maria concebeu a Jesus Cristo salvador. Abre o ventre desta mulher (Nome), saia
das trevas e vá para a luz. O Salvador te chama. Amém.*

Por outro lado, em uma outra fórmula, encontrada em Bergen e datada possivelmente entre fins do século XIV e início do seguinte, vemos o *introitus* da oração a nos veicular o poder do sangue do Cristo contra a febre:

; in: noMne*at<riCæ<qfilæ<qc*rit<uCa<ntiaM<en: Surraa
æ<lrk<uik<ueDeiCinMeDiSinaCinMeDiSinaMiiio
*iaSruCæ<q*aSioSriCteku-iMa*aCMauitæ<qCaSrobat
Caginelæ<uitfebraCaDikouiaDfuiMaueCCa<reIrl

In nomine Patris, Filii et Spiritus sancti, amen. Cura!
Vulner [a qu]in[qu]e Dei *sint medicina (mei)*
sint medicina mei *pia crux et passio Christi,*
[Qu]i me plasnavit et sacrabat *sanguine lavit,*
febres adigovit *qui me vexare l(abor)avit).*

Proposta de tradução

Em nome do Pai, do Filho e do espírito Santo, amém! Cura!
Que as cinco feridas de Deus *sejam meu remédio.*
Que o meu remédio *seja a santa cruz e a paixão de Cristo.*
Ele que me formou e consagrava, lavando-me com sangue,
Expulsou a febre *que procurava me atormentar*

Chama-nos a atenção a exortação poderosa *Cura!* do(a) rogante. As cinco feridas de Cristo são mencionadas e, nesse momento, devemos salientar a medicação espiritual, baseada na cruz e no sofrimento do Crucificado. O poder divino de criação está contido na própria palavra *plasnavit* (formou), demonstrando uma sujeição *ab ovo* da criatura ao seu criador. A fórmula conclui-se com a típica característica de um exorcismo. Do ponto de vista linguístico, a alternância entre os tempos verbais *plasnavit* e *sacrabat* (pretérito perfeito e pretérito imperfeito) evidencia a falta de uniformidade no conhecimento dos tempos em latim, apresentando uma irregularidade de uso, muito comum na linguagem oral.

Para demonstrar uma circulação do ritual pronunciado e/ou escrito no tocante ao poder salutar do sangue do Cristo tem-se a inscrição abaixo, gravada em um amuleto quadrado de madeira, que, como veremos, parece possuir muitas variantes, inclusive presentes no posterior *Galdrabók*. Segundo Macleod & Mees (2006, p. 132), a mesma parece remeter a uma fórmula de cura contra a malária datada de princípios do século XV:

Qui me plasnavit *et sacro sanguine lavit*
febres compellant, *qui me vexare laborant*
vulnera quinque dei *sint medicina mei*
Sit medicina mei *pia crux et passio Christi*

Vulneribus quinis

me Christi salva ruinis

Proposta de tradução

*Ele que me formou e me lavou com seu santo sangue,
fazendo recuar a febre, que procurava me atormentar
As cinco feridas de Cristo sejam o meu remédio
Sejam o meu remédio a santa cruz e a paixão de Cristo.
Com as cinco feridas ó Cristo, salva-me da ruína*

Torna-se a mencionar a *medicina*, composta pela cruz e pela paixão do Cristo, além da menção às feridas deste. Sem dúvida, os traços determinantes do cristianismo e de uma lírica litúrgica são expressos não apenas pelo uso da língua do Lácio transmutada em caracteres rúnicos, mas principalmente pelo uso da rima final, marca absolutamente medieval (BRAGANÇA JÚNIOR, 2012).

Outro encantamento cristão em runas (MACLEOD & MEES, 2006, p. 135) foi encontrado sobre uma tabuinha em um cemitério na região de Odense, Dinamarca, o que nos leva à suposição de que “*lá foi colocada para transmitir a enfermidade da pessoa enferma, Asa, mencionada no texto, para a pessoa enterrada*”. Tal procedimento é comum em fórmulas mágicas germânicas, as *Zaubersprüche*, em que o mal passa por diversos receptáculos, saindo do corpo do doente até um objeto, outro ser animado ou algo similar.⁵

± unGuNn cinN:princNn±cal:Kotolon anaKrici:anapictiKarur:nariar
:ipoiar: KricuicuinKitKricituc rNG nNt: KricuciMpNrat. KricucaboMni
MaloMNacaM:lipNrNt:Kru3Krici cit:cupNrMN.acaM.hiK.Nt ubiKuN.
±Khora.±inKhora±Khorai
±aGla ± canGuicKrici ciG nNtMN±

*Unguen (?) sine primsigna (?) sal condolor (?)
Anakristi anapisti kardur nardiar ipodiar.
Christus vincit, Christus regnat, Christus imperat,
Christus ab omni malo me Asem liberet.
CruX Christi sit super me, Asam, hic et ubique.
Khora, inkhorda khordai.
AGLA. Sanguis Christi signet me.*

Proposta de tradução

*Pomada sem o primeiro sinal (?), sal, grande dor (?)
Anakristi anapisti kardiar nardiar ipodiar.
Cristo vence, Cristo reina, Cristo comanda,*

⁵ - Confira a fórmula *Pro nescia*. In: BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo.
http://www.letras.ufrj.br/liehd/media/docs/art_alvaro5.pdf

*Que Cristo possa me livrar de todo o mal, Asa.
Que a cruz do Cristo esteja sobre mim, Asa, aqui e em todo o lugar.
Khorda inkhorda khordai.
AGLA. Que o sangue de Cristo me abençoe.*

Conforme Macleod & Mees (2006, p. 136), esta oração poderia se tratar da *prima signatio*, isto é, o batismo preliminar. A expressão *Christus vincit, Christus regnat, Christus imperat* está presente na litania das *Laudes*. O componente mágico, cuja decifração ainda está para ser feita, prende-se a *Anakeristi anapisti kardiar nardiar ipodiar*, em que se encontra no primeiro termo o *kristi*, configurando, quicá, uma remissão a Cristo.

Um tipo específico de fórmula apresenta uma recorrência àquilo que os autores acima citados denominam *expressão abra*. Tal vocábulo prender-se-ia a um *topos* encantatório comum em fórmulas como *abracadabra, fee fi fo fum* ou *hocus pocus*. Um texto da Noruega apresenta uma variante com o termo *abracalara*, reduzindo-se morfológicamente para *abraca* e *abra*, em um processo similar à eliminação por completo do problema/enfermidade que acomete o rogante:

+a.g.l.a.*atern oster.kiesin celissanctificetur noMent<uuM.aduenia tqregnuMt<u
uMf-q uoluntast<u
. . .kut<qincloæq
. . .rra.siqsu*e rnos.aboMn niMaloaM Mena<lfa.aiqonai.±a
bracalara.±abraca.
±a<braca.±a<bra.
*ah.no bis.aboM niMa<loaM Men

AGLA. *Pater noster, qui es in caelis, sanctificetur nomen tuum. Adveniat regnum tuum.*

Fiat voluntas tu[a si]cut in caelo, et [in ter]ra. Sit super nos. Ab omni malo, amen.

Alpha, Adonai. Abracalara, abraca, abraca, abra. Pax nobis! Ab omni malo, amen.

Proposta de tradução:

AGLA. *Pai nosso, que estás no céu, santificado seja o teu nome. Venha o teu reino. Seja feita a tu[a] vontade [ass]im no céu como [na ter]ra. Esteja sobre nós. De todo o mal, amém. Alpha, Adonai. Abracalara, abraca, abraca, abra. A paz esteja conosco! De todo o mal, amém.*

A presença de personagens ou estruturas semelhantes nos encantamentos pode também ser facilmente atestada no exemplo abaixo, gravado em um amuleto na igreja de madeira de Lom, Noruega:

MarKusMaqiosluKasraFelesen GaFelesGBelesiohanes FaoFaiFauFauaoniMa
susPesPisusKursiFihsusaM

*Marcus, Mattheus, Lucas, Rafelesen,
Gafeles, Gabeles, Johannes.*

faofaifanfau. onima.
suspispisus crucifixus (?) am (en?).

Proposta de tradução:

Marcos, Matheus, Lucas, Rafael (?), Gabriel (?) Gabriel (?), João.

faofaifanfau. alma (?)
suspispisus crucifixo (?) amém?).

A simbiose das runas com o latim mostra-se neste momento como evidência do processo de solidificação do cristianismo através do uso do alfabeto rúnico, isto é, apropriação e readaptação para finalidade de sedimentação da nova fé. Da região de Bergen existe um pequeno prato, com datação aproximada entre 1350-1400, no qual se lê:

SuS*iSSuS*iriureSno<lioKa<r tonþiioha<nisMa<rKuSMa<qioSluKaSo<ræei
qoYSoi*ieæeqnnKoa*nacSia a<ueMa<riatiSuSKriStra<ueMa<ria

suspissuspiriuresnoli ok arre(t)ôn.
Jobannes, Marcus, Mattheus, Lucas. Orate.
Þoysoipieæþnnkoapnacsia.
Ave Maria et Jesus Kristr, Ave Maria.

Proposta de tradução:

suspissuspiriuresnoli e o inominável. João, Marcos, Matheus, Lucas. Oreis. þoysoipitætþnnkoapnacsia.
Ave Maria e Jesus Cristo, Ave Maria.

Como afirmam Macleod & Mees (2006, p. 143), a fórmula mágica que inicia o amuleto é seguida pelo termo grego *arretôn*, “o indizível”, um epíteto de Deus, o que nos leva a dedução de que “o amuleto está provavelmente pedindo a Deus e aos quatro evangelistas para rezarem pelo seu portador.”

Tal interpenetração entre o apelo formal ao cristianismo e as suas figuras mais representativas (santos), além da devoção pessoal, com a última linha em antigo nórdico, encontra-se bem documentada em uma inscrição existente em Bergen, do século XIII, gravada em um bastão:

ja,G,;a;Guqt;Sateor;are... rafael:Gabriel:M... uaSuSKrSt:Mariua:GætMin f. ..

AGLA. Guð. Sator are[po].
Raphael, Gabriel, Michael,
Jesus Kristr. María get mín. F...

Proposta de tradução:

AGLA. Deus. Sator are[po].
Rafael, Gabriel, Miguel,

Jesus Cristo. Maria, proteja-me. F. . .

Pax portantibus, salus habentibus! Exemplos desta fórmula “*Paz àqueles que portam [o talismã], saúde aos donos*” são comuns em amuletos, como em um bastão em Bergen:

sa.to<r.a<re*o.teneq.o*era.rotas.*aGs.*o<rdan<ntibussalusaben<ntibus...a;G;
l;ã;iohan<nes.luKas.Maqueus.MarKus suaeroMMitsKYldtils!

Sator arepo teneth opera rotas. Pax portantibus, salus habentibus! AGLA
Johannes, Lucas, Mattheus, Marcus.
Svá erum mit skyld til Sl...

Proposta de tradução:

Sator arepo tenet opera rotas. Paz àqueles que portam, saúde aos donos! AGLA !
João, Lucas, Mateus, Marcos. Tal é minha dívida para com Sl. . .

ou em forma contrata em um amuleto de madeira procedente da já citada igreja de tábuas de Lom:

KYrerotaioha<n næSMarcuSlu caSMatqiaS*ax
*orta<nDiSSaluS
Kyri(os?), rota(s?), Johannes, Marcus, Lucas, Mattheus. Pax portanti! Salus!

Proposta de tradução:

Misericórdia (?), rotas (?), João, Marcos, Lucas, Mateus. Paz ao portador! Saúde!

Há 8 (oito) inscrições com os vocábulos *sator arepo* e, para nossa surpresa, há evidências materiais do uso dessa fórmula na cidade de Pompéia, sendo normalmente usada em orações, “*como proteção geral ou algumas vezes especificamente contra relâmpagos, fogo, roubo, enfermidades, loucura, dor ou dor no coração.*” (MACLEOD & MEEDS, 2006, p. 149-150)

Por outro lado, vê-se na fórmula do século XIII de Bergen um conselho, em tom jocoso ao portador, para manter uma vida discreta, afinal de contas, assegurar sorte ou boa saúde é extremamente salutar:

d<ucite...diSKrete:uita<M...Ku<e...--n-...
uæSt<ra...SaluS...Mete:Siq:næcia: ...
Ducite discrete vitam, que ...
Vestra salus mete sit ne(s)cia ...
Proposta de tradução:

*Tenhais uma vida discreta, que . . .
Que a vossa {boa} saúde não con(h)ença limites . . .*

Uma inscrição possivelmente tardomedieval proveniente de Bläsinge, Dinamarca, grafada em runas, com um conteúdo cristão, enumera sete tipos de doenças, associando-as aos sofrimentos de Cristo. Indexamos aqui a leitura feita por MacLeod & Mees (2006, p. 133) do latim colocado em alfabeto rúnico:

gno<niuro<uoc.c<æpt<æm...co<ro<ræcæt--ar-----c:ræc...
æ<lffrina:a<ffrin<Naco<riaa<ffona:a<ffrinala:no<niurouocæ<tno<n:t<æcto<r:parpatr
æm... æ<tfiliumæ<tcpirit<um:cannt<um:utno<n...nonæatic:ctamfamulum:gæi:næwua
in.honulic:næwuaïnmaëmpri:næwuaïnmaëgullic:næninullonomp
--inNmæmborumæiuc:utinhabit<ætintNuirt<ucnriicti:alticci
mi:Nnænrrunæm...go<nmini:fukiti:pa<rt<æc:a<guærc<æ:uinitlæo:gæt<ribuiu
garagiX:gauit:innominæpat<ricætfilii:æ<tcpirit<ucca<nn<tiāmæng. . . nriict<uc:uinnit:
nriict<uc:ræknit: nriict<uc:impæræt: nriict<uc:lipæræt+
nriict<uct<æbænæginata<boom:ma<lo:gæfængata:k...l...a...bat<ærnoctær:g:

*Coniuro vos, septem sorores ... Res [tilia(?)]
Elffrica, Affricca, Soria, Affoca, Affricala.
Coniuro vos et contestor per Patrem et Filium et Spiritum sanctum,
ut non noceatis istam famulum Dei,
neque in oculis neque in membris, neque in medullis,
nec in ullo comp[ag]ine membrorum eius, ut inhabitat in te virtus Christi
altissimi.
Ecce crucem Domini! Fugite partes adverse! Vicit leo de tribu Juda, radix
David.
In nomine Patris et Filii et Spiritus sancti, amen.
Christus vincit, Christus regnat, Christus imperat, Christus liberat,
Christus te benedicit, ab omni malo defendat. AGLA. Pater noster.*

Proposta de tradução:

*Eu vos conjuro, oh sete irmãs ... Res [tilia(?)] Elffrica, Affricca, Soria, Affoca, Affricala.
Eu vos conjuro e vos chamo para testemunhar pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo, de
forma que vós não podeis prejudicar este servo de Deus, nem nos olhos, nem nos membros,
nem na medula, nem em nenhuma junção dos seus membros, de forma que o poder do
Altíssimo Cristo habite em ti.
Eis a cruz do Senhor! Fugi, forças inimigas! O leão da tribo de Judá, raiz de David,
venceu!
Em nome do pai, do Filho e do Espírito Santo, amém.*

*Cristo vence, Cristo reina, Cristo impera, Cristo liberta, Cristo abençoe a ti e te defenda de
todo o mal. AGLA. Pai Nosso.*

A atribuição com nomes femininos aos espíritos causadores de doenças – neste caso 07 (sete) – é comum nesse período entre textos germânicos segundo Macleod & Mees (2006, p. 134). Curioso notar, contudo, é a presença do acrônimo *AGLA*, “uma fórmula de proteção, de origem cabalística, a qual se pensa é comumente usada para representar as letras da exortação em hebraico *atthar gibbor le’olam adonai* - pois vós sois fortes até a eternidade, Senhor -”. (MACLEOD & MEES (2006, p. 134). A inscrição, contudo, apresenta uma grande similaridade com as fórmulas de encantamento – *charms* ou *Zaubersprüche* -, o que nos leva a indagar, se o processo de cristianização e de posterior conversão mais tardia levada a cabo na Escandinávia teria sido decisivamente influenciado pela ida de missionários cristãos àquelas plagas, oriundos do espaço germanófono continental e/ou insular.

Talvez a análise comparativa com uma dentre as várias fórmulas conservadas possa nos fornecer alguns indícios mais precisos ... ou não!

IV. Uma fórmula em antigo-inglês – por uma analogia

Pode-se datar aproximadamente entre os séculos X e XI a fórmula em antigo-inglês *O encantamento das nove ervas*, um dos mais interessantes *charms* dentre de um total de doze restantes. Nesta fórmula, interessa-nos constatar um momento dentro da cultura popular – leia-se aqui associada às práticas curativas - que denominamos de fase de transição, pois na mesma utilizam-se elementos oriundos de uma tradição pagã e rural – conhecimento de plantas e frutos com propriedades medicinais - associados a elementos do Cristianismo. Lado a lado, deuses do panteão germânico alinham-se com Cristo. Como a fórmula é longa, discorreremos neste artigo somente acerca do uso da flora e as relações entre o estrato pagão do mundo germânico insular e aspectos do cristianismo oficial. Começemos com a nomeação das ervas e os elementos do ritual de cura:

Mugcwyr, wegbrade þe eastan open sy,
lombescyrse, attorlaðan, magedan, netelan,
wudusuræppel, fille and finul,
ealde sapan. Gewyrce ða wyrta to duste, mænge
wiþ þa sapan and wiþ þæs æpples gor. Wyrce
slypan of wætere and of axsan, genim finol, wyl
on þære slyppan and beþe mid
æggemongc, þonne he þa sealfe on **do**, ge ær
ge æfter. Sing þæt galdor on ælcere þara wyrta,
III ær he hy wyrce and on þone æppel ealswa;
ond singe þon men in þone muð and in þa earan
buta and on ða wunde þæt ilce ealdor, ær he þa
sealfe on **do**.

Artemisa, tanchagem que se abre em direção ao
leste, cardamina-pilosa, esporão-de-galo,
camomila, urtiga, maçã-silvestre, cerefólio e
funcho, sabão velho. Moa as ervas até as
transformar em pó, misture-as com o sabão e
com suco de maçã. Faça uma pasta de água e
cinzas, pegue o funcho, ferva-o na pasta e o
banhe com um ovo mexido, ou antes ou
depois de ele aplicar a pomada. Entoe esta
palavra mágica sobre cada erva, três vezes antes
de ele prepará-las e também sobre a maçã;
entoe a mesma palavra mágica dentro da boca
e das orelhas do homem e a mesma palavra
mágica na ferida, antes de aplicar a pomada.

Seja contra problemas de saúde e físicos oriundos de causas naturais como venenos, infecções, pústulas e bolhas, seja contra efeitos de atuação sobrenatural como o demônio, a bruxaria e o logro, presentes em todo o texto, o efeito da cura está indissociavelmente ligado à palavra mágica – *galdor* -, a qual, simbolicamente, deverá ser pronunciada trinitariamente sobre cada erva, e à transformação das matérias-primas vegetais em um tipo de pomada a ser aplicada na região das feridas.

No tocante ao(s) deus(es), como antes asseveramos, esta fórmula de encantamento é extremamente interessante, pois apresenta aquilo que denominamos sincretismo germano-cristão, pois elementos da mitologia germânica como Odin (v. 30, “**ða genam Woden IIII wuldortanas**”, em português, “então Odin pegou nove varas maravilhosas”) convivem lado a lado com a nova força mágico-curativa representada por Cristo (v. 55, “**þa wyrt geseop witig drihten, / halig on heofonum, þa he hongode**; - em português, “foram criadas pelo sábio Senhor, sagrado no céu, enquanto estava crucificado;”). Temos, então, uma fórmula de magia curativa em que se percebe a coexistência de um ambiente de religiosidade germânica já apropriado pelo espaço cristão.

V. Cristo e Odin – entre o livro e as runas: indagações em aberto

As zonas de convergência e de afastamento no espaço do sagrado demarcam quão rica foi a época medieval, mais precisamente, na Idade Média Central, Baixa Idade Média e Idade Média Tardia. Chamou-nos a atenção que, no espaço germanófono da Escandinávia, em algumas *runestones* tenham sido encontrados textos em latim transliterados no alfabeto das runas. O mais importante, ao nosso ver, é a invocação às entidades femininas malélicas para reconhecerem a superioridade do Cristo Altíssimo, uma clara superposição do poder do filho unigênito do Deus cristão sobre as forças mágicas do universo pagão nórdico. Se o filho do verdadeiro Deus a todos cura, nada pode obstar a vitória n’Ele, pois nada é capaz de *prejudicar este servo de Deus, nem nos olhos, nem nos membros, nem na medula, nem em nenhuma junção dos seus membros*.

Se o corpo do fiel, como visto no exemplo acima, não sofrerá tipo algum de enfermidade, por outro lado, na fórmula em antigo-inglês já se encontra uma receita para uso de ervas e frutos curativos, em que se une o apelo a Odin – **Woden** - e ao **drihten ... hongode** (ao Senhor crucificado). Os monges cristãos, em seu afã de expandirem a mensagem do Evangelho, lançam mão de rituais, práticas de religiosidade e do conhecimento da flora nativa, neles inculindo a mensagem salvífica veiculada pela Igreja.

De acordo com o exposto, como o texto inscrito em runas em Bläsinga pode ser possivelmente datado da Idade Média Tardia e o *Encantamento das Nove Ervas* lhe é alguns séculos anterior, podemos presumir que talvez das Ilhas Britânicas ou mesmo do espaço germanófono continental tenham partido missionários cristãos com o intuito de cristianizar definitivamente a Escandinávia, trazendo consigo um repositório informal de fórmulas da medicina popular da época – sabidamente oriundas do campo, do *pagus* – e ainda fortemente influenciada pelas crenças em antigos deuses germânicos. Adaptando

sua funcionalidade e convertendo-a em uma “receita” infalível para aqueles que desejarem se curar, os monges cristãos levam tanto as divindades femininas das runas em latim quanto as ervas e frutos a se submeterem ao Criador e configuram um texto palimpséstico, em que a sobreposição de camadas entre o mundo pagão e o cristão é expresso por um Cristo que se faz notar pela cura e também através das runas!

VI. Referências

- Althochdeutsche poetische Texte. *Ausgewählt, Übersetzt und kommentiert von Karl A. Wipf.* Stuttgart: Philipp Reclam jun, 1992.
- BAUR, Stephanie Elisabeth. Runic and Latin written culture: co-existence and interaction of two script cultures in the Norwegian Middle Ages. *Tübingen: Deutsches Seminar, Abteilung für Skandinavistik*, 2011. *Dissertação de Mestrado*. In: http://tobias-lib.uni-tuebingen.de/volltexte/2013/7031/pdf/SEBaur_Runic_and_Latin_Written_Culture_Co_Existence_and_Interaction_of_Two_Script_Cultures_in_the_Norwegian_Middle_Ages.pdf, acesso em 20 de abril de 2014.
- BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. Cristo em runas e em fórmulas mágicas: um estudo comparado. In: LANGER, Johnni (Org.). www.academia.edu/7654562/NOTICIAS_ASGARDIANAS_N_7_DOSSIE_RUNAS_E_RUNOLOGIA, nº7, abril-agosto/2014, p. 23-29.
- BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. *A fraseologia medieval latina*. Vitória: Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, 2014.
- BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. Magias e encantamentos - fabulações germânicas do passado. In: Magali Moura; Délia Cambeiro. (Org.). *Magias, encantamentos e metamorfoses - fabulações modernas e suas expressões no imaginário contemporâneo*. Rio de Janeiro: De Letras, 2013, v. 1, p. 187-202.
- LANGER, Johnni. Religião e magia entre os Vikings: uma sistematização historiográfica. In: *Brathair*, 5 (2), 2005: p. 55-82
- MACLEOD, Mindy. **Bandrúnir** in Icelandic sagas. In: <http://sydney.edu.au/arts/medieval/saga/pdf/252-mcleod.pdf>, acesso em 06 de maio de 2014.
- MACLEOD, Mindy & MEES, Bernard. *Runic amulets and magic objects*. Woodbridge: The Boydell Press, 2006.
- MEHLER, Natascha. The perception and interpretation of Hanseatic material culture in the North Atlantic: problems and suggestions. In: *Archaeologies of the Early Modern North Atlantic*. Journal of the North Atlantic. 2009, Special Volume 1:89-108.
- MÜLLER, Stephan. Althochdeutsche Literatur. *Übersetzt, herausgegeben und kommentiert von Stephan Müller*. Stuttgart: Philipp Reclam jun, 2007.
- RIDER, Catherine. *Magia e religião na Inglaterra medieval*. Tradução de Fabíola Cardoso. São Paulo: Madras, 2014.
- RODRIGUES, Louis. *Anglo-saxon verse charms, maxims & heroic legends*. Middlesex: Anglo-Saxon Books, 1994.